

O HOMEM EGÍPCIO: SOCIEDADE E COMPORTAMENTO HUMANO NO EGITO ANTIGO

Márcio Costa Corrêa¹

Claudio César de Mattos Viêgas²

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo descrever tópicos relacionados à sociedade egípcia antiga. Será abordado o conteúdo onde cada ponto apresenta um personagem do antigo Egito, como: Faraós, escribas, camponeses, arquitetos, sacerdotes, entre outros, todos que um dia marcaram a história do mundo antigo. Sendo assim, demonstrara como o “Império” egípcio foi tão importante para a sociedade antiga e como pode ser bastante usado na educação nos dias atuais.

Palavras-chave: Faraó, sociedade, comportamento

Summary:

This article aims to describe issues related to Egyptian society. Where content is covered each topic presented a character of ancient Egypt, as Pharaoh, scribes, farmers, architects, priests, and others, all that once marked the history of the ancient world. Thus, demonstrated how the "Empire" was so important to Egyptian society as old and can be widely used in education today.

Keywords: Pharaoh, society, behavior

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA, Campus Jaguarão/RS

² Graduando do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA, Campus Jaguarão/RS

Introdução:

No ano de 1799 da era cristã, o general Napoleão Bonaparte chegava ao Egito tentando invadir os domínios ingleses na Índia. Sua expedição ao vale do Nilo deu mais uma vez à Europa (depois de aproximadamente vinte séculos de desleixo e esquecimento) o ensejo de mergulhar os olhos nos antigos tesouros escondidos na região de Goshen. De fato um dos membros de tal expedição encontrou a célebre “pedra de roseta”, que, decifrada anos mais tarde por Champollion, nos forneceu a chave da linguagem egípcia, cujo conhecimento se perdera por mais de mil e quinhentos anos.

Gradativamente a exploração da antiguidade assumiu feição científica, possibilitando assim o processo de compreender como eram os habitantes desse antigo vale, os humildes camponeses que nunca cessaram de trabalhar de maneira incansável e coletiva. A cada estudo surgem considerações relevantes.

A forma de nossa vida hodierna repousa num ideal inconsciente de variedade contínua. A todo instante poderá acontecer um fato sensacional. A globalização faz com que o homem corra de um lado a outro do planeta por mero prazer de estar em movimento, talvez o individualismo esteja vivendo seu grande momento. Por isso torna-se tão difícil compreender o “homem egípcio”. Uma existência singular e uma civilização mais complexa ainda. Sucessivas gerações de homens e mulheres cultivando seus campos, colhendo seus cereais, aguardando que as águas do Nilo lhes fecundassem as quintas modestas, criando sua prole, pagando impostos a todo o senhor que lograsse apoderar-se dos domínios do vale, e deixando que o tempo reverte-se em pó seus invasores. Pioneiros da “resistência pacífica”, oferecendo ao mundo o espetáculo de uma região onde na aparência nada mudava jamais, onde todos os dias eram idênticos, e a vida era vivida em uma espécie de continuidade anônima, se assemelhava no exterior

às águas calmas do grande rio, que totalmente esquecido da sua mocidade turbulenta nas cataratas do alto Sudão, corta mansamente o centro do vale.

Todavia, de algum modo, essas gerações incontáveis de egípcios, que, cultivando, construindo e trabalhando de sol a sol, legaram ao nosso mundo uma arte e uma ciência de proporções tão gigantescas, de técnica tão requintada, que ela se conservou única, quer na perfeição quanto na influência universal. Nota-se que esses homens eram totalmente desprovidos de individualidade própria.

Abordar o homem egípcio é considerar antes de tudo a sua idiossincrasia, isto é o conjunto de fatores genéticos, ambientais e sócio-culturais que resultam na identidade única, que define primeiro uma civilização e depois, mais especificamente, um indivíduo. O conjunto desses elementos culminou no modo de agir da figura humana egípcia.

A “pirâmide social” egípcia obedecia a seguinte ordem: o fellah (significa camponês) que era a base; o escravo, o soldado, o artesão, o sacerdote, o escriba e por fim a corte e o faraó que representavam o vértice, aquele que relaciona-se mais diretamente com o céu do que com a terra. Essa pirâmide era tão sólida e inamovível como a que se construiria na pedra.

Como dissemos o camponês era a sustentação e a parte mais sedimentada destes “nomos” (sociedades urbanas do Egito Antigo, que se estendiam ao longo do Nilo). Vem dos tempos de “Set”, quando o vale era minado pelos “Camitas”. O camponês cultivava estes mesmos campos milhares de anos antes da fundação do chamado “Império Antigo” pelos senhores de Mênfis na parte mais baixa do vale, e continuou a cultivá-los enquanto Quéops, Quéfren e Miquerinus (faraós da IV dinastia) construíram suas pirâmides com imensos blocos de pedra, demandando mão de obra exaustiva e numerosa.

O fellah semeou pacientemente essas terras durante os seis séculos do “Império Médio”, enquanto a arte do vale atingiu a máxima perfeição. Prosseguiu sua faina agrícola quando, para maior segurança, a capital do Império Antigo passou de Mênfis à famosa Tebas, que Homero denominou “a cidade das cem portas”.

Continuou a plantar e a colher, enquanto “Amenemhat III” construía os grandes reservatórios, destinados a regularem a distribuição da água do Nilo, com o intuito de que não faltasse bebida e alimentação aos súditos do Faraó, cada vez mais numerosos. “Amanhava” os mesmos campos quando os “Hicsos”, que acabavam de conquistar a Ásia ocidental, invadiram o país, em 2000 a.C. E continuou a cultivá-los, quando os conquistadores convocaram outra tribo nômade semita, os “Hebreus”, para ajudá-los a administrar os territórios tomados no vale do Nilo.

Esse arquétipo de agricultor continuou a regar com seu suor sua gleba, na época em que, após vários séculos, os hicsos foram finalmente expulsos e o rei “Amasis” fundou o “Novo Império” que, sob o domínio de monarcas talentosos como “Tutmés”, “Amenhotep II” e “Ramsés”, O Grande, estendeu as próprias fronteiras até a Núbia, a Arábia, a Palestina, e a Babilônia.

O fellah cuidava dessas plantações, quarenta séculos antes de nossa era, quando se empreendeu ligar o mar vermelho ao mediterrâneo, mediante um canal, e continuava a sua labuta enquanto os hebreus, a exemplo dos hicsos, também deixaram o território, para estabelecerem-se nas montanhas da Palestina. Podemos afirmar que o fellah e seu modo de produção eram (e todavia ainda sejam) extremamente conservadores.

Este “homem egípcio”, não se impacientou com o declínio da glória do império. Continuando a cultivar a sua nesga de terra fecunda, enquanto o Egito perdia a Núbia, de onde os etíopes, visitando inesperadamente a antiga metrópole, submeteram-na ao seu jugo por mais de meio século. E não mudou seu “modis vivendis” quando esses invasores foram, ao seu turno, rechaçados pelos assírios, que anexaram o Egito ao seu império. Assim também o “fellah” não cuidou de averiguar quem sairia vencedor, na longa luta pela independência que, no ano de 653 a.C elevou outra nação ao trono doutro reino do Egito, governado dessa vez desde “Sais”, outra cidade do Delta. Continuando o cultivo dos campos, quando após oito séculos de incúria, o rei Neco, restaurando os planos do grande Ramsés, reiniciou os trabalhos no antigo canal entre o mar vermelho e o mediterrâneo, obra que só seria concluída no ano de 1869 da nossa era.

Quando os persas conquistaram o vale, não houve alteração nos plantios, nem na exata periodização das cheias e estios do Nilo, e assim continuou a ser, enquanto grupos numerosos de gregos e fenícios acudiam ao vale fértil para explorar e saquear em nome do tráfego exterior. O fellah observava o progresso da cheia nas suas lavouras, enquanto Alexandre Magno se banqueteara no vetusto palácio de Karnak, que permanecera quase um milênio em triste estado de decadência e de abandono.

Quando a descendente do general macedônio, “Cleópatra” se enredou em casos sentimentais e políticos com dois chefes romanos rivais e perdeu seu reino, transformando-o em província de Roma, o fellah teve de mourejar ainda mais do que nunca, pois o Egito tornou-se o celeiro da principal metrópole do Tirreno, e o lavrador Egípcio devia alimentar além de si próprio, massas ociosas de romanos... Continuou a cultivar os seus campos - EM VERDADE, COMO HAVIA DE SABER O QUE OCORRIA FORA DE SEU LUGAREJO? - enquanto bandos antagônicos de prosélitos cristãos destruíam arbitrariamente a gloriosa civilização que Alexandre estabelecera nesta cidade fundada por ele e honrada com seu nome ilustre. O impassível camponês não interrompeu sua faina incessante, quando por fim o Egito teve seu último templo arrasado e o império romano fechou a última escola onde se ensinara quase pelo espaço de quatro milênios, a arte sagrada da escrita simbólica.

A respeito da escrita, temos que elucidar a figura do escriba, outro arquétipo presente na pirâmide social egípcia, sendo uma importante ferramenta para a manutenção da centralização administrativa que emanava do faraó. Uma das funções do escriba era interpretar as palavras esculpidas para aqueles que não sabiam ler

Dentro deste prisma queremos enfocar a natureza estável deste homem que era súdito de uma “teocracia” e assim, estava mais distante dos homens que dos Deuses. Deriva daí o “Anseio ao eterno” que foi mais bem expressado nas artes. Toda a arte egípcia foi feita para resistir ao tempo - e resistiu- as esculturas colossais eram estáticas para tornarem-se mais sólidas, esta é apenas uma das tantas convenções religiosas que delinearam a produção da arte no Egito, note-se que as partes de anatomia delgada como o pescoço das estatuas era geralmente reforçado pelos cabelos ou pelo toucado que o envolviam, os braços estendidos geralmente ao longo do corpo diminuía a possibilidade de um possível dano ao longo do tempo.

No campo da arquitetura, o destaque é evidente aos monumentos fúnebres como as mastabas a princípio, que depois evoluíram para as pirâmides escalonadas e por último requinte técnico a pirâmide, livre de qualquer desnível na sua superfície para que o vento do deserto não causasse atrito na rocha vindo assim a desgastá-la. A pirâmide é a forma geométrica mais estável que se tem conhecimento.

O artesão tinha uma preparação teórica para representar o tempo. Nos painéis, as três dimensões do tempo eram representadas, em faixas de ilustrações que se observadas debaixo para cima representavam passado, presente e futuro, formando um todo, narrando um episódio religioso ou cotidiano da sociedade.

Na pintura foram os precursores do “afresco” onde o pigmento é amalgamado na argamassa ainda fresca e o painel é elaborado desde o início com suas cores e sua feição final e não correndo risco de descorar ou mudar de cor por mais tempo que passe, ainda no campo da pintura estabeleceu-se mais uma convenção chamada “a lei da frontalidade” onde a figura humana submetia-se a seguinte norma: olhos representados invariavelmente da maneira como são vistos frontalmente, a cabeça seria mais evidente e reconhecível através dos tempos quando fosse representada de perfil, tórax e braços de frente, mulheres deveriam ser pintadas de amarelo claro e os homens de marrom, cabelos invariavelmente negros, o faraó era entre todas as figuras representadas nos painéis a mais alta, dando a conotação hierárquica.

A escrita era feita sobre papiros que quando acumulados eram enterrados na areia do deserto, onde se mantinham livres da ação da umidade chegando em profusão e em perfeito estado até os dias de hoje. A respeito da escrita, temos que elucidar a figura do escriba, outro arquétipo presente na pirâmide social egípcia, sendo uma importante ferramenta para a manutenção da centralização administrativa que emanava do faraó. Uma das funções atribuídas ao escriba era interpretar as palavras esculpidas para aqueles que não sabiam ler. Ao longo do tempo e de acordo com as ocupações e o poder vigente, muitas funções iam sendo incorporadas e tantas outras destituídas do papel social representado pelo escriba. Sabemos que no início do império egípcio não existem menções ao trabalho do escriba e o seu auge é a partir do terceiro milênio.

Os escribas junto com os artesãos deixaram um farto material para estudarmos o Egito Antigo, mesmo assim é tarefa árdua a compreensão de uma civilização que permaneceu por tanto tempo firme de suas convicções, mantendo um mesmo modelo de governo, com poucas guerras, rejeitando a ação do tempo e com mudanças culturais acontecendo a sua volta. O que nos motiva a estudar o antigo Egito é justamente os mistérios a que ele nos reporta.

A técnica requintada de embalsamar os corpos e da mumificação para a conservação, permitiram que estes não entrassem em estado de decomposição. E por fim a inviolabilidade das pirâmides, que garantia reclusão e ambientação propícios ao que devia ser eternizado.

Nada restou dos antigos nomos (núcleos urbanos compostos de choupanas de barro e palha pequenas construções), pois elas eram para a “primeira vida”, e como esta, estavam relacionadas ao mundo das coisas efêmeras.

Considerações parciais:

Toda a arte egípcia foi feita como testemunho de louvor ao eterno, todo o comportamento social foi um testemunho de louvor à estabilidade, a perseverança frente ao que é passageiro, a devoção frente ao que é perene, o desdém pela “primeira etapa da vida” que era breve, que era para o trabalho, que era para preparar o ritual de entrada na “segunda parte da vida”. A vida eterna onde, sim, era chegado o momento de contemplar o que estava feito.

Essa idiossincrasia era fruto de muitos fatores: o povo egípcio na sua “Genesis” tem influências de antigos povos imigrados da Argólia e da Mongólia, daí a priorização da vida espiritual. Tem dos vizinhos núbios (etíopes), africanos a resignação frente às vicissitudes da vida. Toda essa herança morfológica e psicológica teve por palco um território em meio ao rio mais regular da antiguidade no que tange as cheias e estiagens, um território vizinho ao maior deserto do planeta de onde não havia fuga possível,

principalmente para o escravo, que em pouco se difere do nosso fellah e por isso mesmo também assumia seu fardo com obediência. Por fim um território limitado pelo misterioso mar vermelho a oeste. Tudo conspirando para uma visão retilínea, fatalista e mística, o que define por fim a natureza desse homem.

Referências Bibliográficas:

CARDOSO, Ciro Flamarion (1994), *Sete olhares sobre a Antiguidade*, Brasília, Editoria da UnB.

DONADONI, Sérgio (1994). *O Homem Egípcio*. Lisboa: Presença.

FINLEY, Moses I, 1912. *História antiga: testemunhos e modelos*. São Paulo-1994

GUARINELLO. Norberto Luiz (2003), *Uma morfologia da história: as formas da história antiga*, Politéia: Hist e soc, Vitória da conquista, v.3, n.1, p. 41-61, 2003.